

ENEI 2026*sergipe*

X ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA INDUSTRIAL E INOVAÇÃO

Indústria, Sustentabilidade e os
Desafios Regionais

**19-22
MAIO DE 2026**

LOCAL: Universidade Federal
de Sergipe. Avenida Marcelo
Chagas, s/n. Jardim Rosa Elze.
São Cristóvão (SE).

Realização: **ABEIN**

Associação Brasileira de
Economia Industrial e Inovação



PPGE



Patrocínio:



Desigualdade, Investimento e Organização Global da Produção: A atualidade da teoria de Michal Kalecki

André Luis Sala¹;
Kimberly Lourenço²;

Resumo: A persistência de elevados níveis de desigualdade de renda, concomitante à desaceleração do investimento produtivo, consolidou-se como uma característica estrutural do capitalismo contemporâneo, reacendendo debates fundamentais acerca dos determinantes do crescimento econômico de longo prazo. Em contraste com a interpretação neoclássica tradicional — que postula uma relação positiva entre o aumento da poupança e estímulo ao investimento —, este trabalho adota uma abordagem fundamentada na tradição kaleckiana. Assume-se que a distribuição funcional da renda e a demanda efetiva desempenham papéis centrais nas decisões de investimento. A análise é situada no atual paradigma da produção global, caracterizado pela fragmentação das Cadeias Globais de Valor, pela centralidade dos ativos intangíveis e pela crescente concentração de poder econômico. O objetivo central é investigar empiricamente se, e em que medida, a desigualdade de renda inibe a formação bruta de capital fixo, considerando as transformações estruturais da economia mundial. Metodologicamente, adota-se um delineamento quantitativo com abordagem comparativa global, utilizando dados em painel de 216 economias entre 1984 e 2023, extraídos do World Bank Open Data e dos Índices de Capacidades Produtivas da UNCTAD. A estratégia empírica combina análise descritiva e estimações econométricas (efeitos fixos, aleatórios e defasagens temporais). Os resultados indicam uma associação negativa e estatisticamente significativa entre a desigualdade (Índice de Gini) e investimento em Formação Bruta de Capital Fixo. A análise de correlação revela um coeficiente de Pearson de -0,26, enquanto as estimações em painel sugerem que um aumento de um ponto no Gini está associado a uma redução de 9 a 12 pontos base na taxa de investimento, sugerindo que um aumento da desigualdade está associado a um aqueda dos níveis de investimento. Adicionalmente, evidencia-se que as Mudanças Estruturais advindas das evoluções tecnológicas exercem efeito positivo sobre o investimento, ao passo que variáveis ligadas a ativos intangíveis (como TICs e instituições) apresentam coeficientes negativos, sugerindo que o avanço em tecnologias digitais diminui a dependência de capital físico. Conclui-se que os resultados corroboram a hipótese kaleckiana: padrões distributivos desiguais deprimem a demanda efetiva e desestimulam o investimento. O estudo busca contribuir ao articular evidências de longo prazo com a teoria da distribuição, sugerindo que políticas de redução da desigualdade e promoção da mudança estrutural tecnológica são pré-requisitos para superar a estagnação e retomar o crescimento sustentável.

Palavras-chave: Desigualdade de Renda; Investimento Produtivo; Teoria Kaleckiana; Mudança Estrutural; Econometria de Painel.

Classificação JEL: E22 (Investimento; Capital); E25 (Fatores de Produção; Distribuição de Renda); O11

Área Temática: 10.4 Novas tecnologias, desigualdade e políticas públicas

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: andre.sala@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: kimberly.lourenco@unesp.br

Inequality, Investment and Global Organization of Production: the actuality of Michal Kalecki's theory

Abstract: The persistence of high levels of income inequality, concomitant with the slowdown in productive investment, has become a structural characteristic of contemporary capitalism, reigniting fundamental debates about the determinants of long-term economic growth. In contrast to the traditional neoclassical interpretation—which posits a positive relationship between increased savings and investment stimulus—this work adopts a post-Keynesian approach, grounded in the Kaleckian tradition. It assumes that the functional distribution of income and effective demand play central roles in investment decisions. The analysis is situated within the current paradigm of global production, characterized by the fragmentation of Global Value Chains, the centrality of intangible assets, and the increasing concentration of economic power. The central objective is to empirically investigate whether, and to what extent, income inequality inhibits gross fixed capital formation, considering the structural transformations of the world economy. Methodologically, a quantitative design with a global comparative approach is adopted, using panel data from 216 economies between 1984 and 2023, extracted from the World Bank Open Data and the UNCTAD Productive Capabilities Indices. The empirical strategy combines descriptive analysis and econometric estimations (fixed effects, random effects, and time lags). The results indicate a negative and statistically significant association between inequality (Gini Index) and investment in Gross Fixed Capital Formation. Correlation analysis reveals a Pearson coefficient of -0.26, while panel estimations suggest that a one-point increase in the Gini index is associated with a 9 to 12 basis point reduction in the investment rate, suggesting that an increase in inequality is associated with a decrease in investment levels. Additionally, it is evident that structural changes resulting from technological advancements have a positive effect on investment, while variables linked to intangible assets (such as ICTs and institutions) show negative coefficients, suggesting that advances in digital technologies reduce dependence on physical capital. It is concluded that the results corroborate the Kaleckian hypothesis: unequal distributional patterns depress effective demand and discourage investment. This study seeks to contribute by articulating long-term evidence with distribution theory, suggesting that policies to reduce inequality and promote technological structural change are prerequisites for overcoming stagnation and resuming sustainable growth.

Keywords: Income Inequality; Productive Investment; Kaleckian Theory; Structural Change; Panel Econometrics.

Classificação JEL: E22; E25; O11

Área Temática: 10.4 New technologies, inequality and public policies

1 INTRODUÇÃO

A distribuição de renda e o investimento produtivo ocupam posição central nos debates teóricos e empíricos sobre crescimento econômico e desenvolvimento de longo prazo. Nas últimas décadas, entretanto, a economia mundial tem sido marcada por dois fenômenos aparentemente paradoxais: a persistente da desigualdade de renda e a desaceleração do investimento em capital fixo, mesmo em contextos de elevada lucratividade corporativa. Esse quadro tem reacendido e atualizado discussões da teoria econômica acerca do papel da distribuição da renda na determinação do investimento e da dinâmica do crescimento, ao mesmo tempo em que impõe novos desafios analíticos diante das transformações estruturais associadas ao atual paradigma da produção global.

Ao redor do mundo, a distribuição de renda tem assumido historicamente múltiplas configurações. A compreensão de como a riqueza gerada é dividida entre as populações tem motivado diversos trabalhos ([Alvaredo et al, 2018](#); [Piketty, 2014](#); [Medeiros, Souza, Castro, 2015](#)) e o mais recente Relatório Mundial sobre a Desigualdade 2026 ([Chancel et al, 2025](#)) apresentou um panorama atualizado deste cenário distributivo no globo.

Segundo o relatório, para o ano de 2025, a parcela 50% mais pobre da população mundial se apropriou de apenas 8% de toda renda gerada neste ano, valor inferior os 14% observados em 1820. Em contraste, o 1% mais rico concentrou 20% de toda riqueza gerada em 2025. Isso significa que esse seleto grupo, uma população do tamanho da do Reino Unido, abocanhou um montante 2,5 vezes maior que a parte destinada ao 50% mais pobre, uma soma populacional comparável a China, Índia, Estados Unidos, Indonésia, Nigéria, Brasil e Rússia juntos.

A forma como a renda é historicamente distribuída entre os rendimentos advindos do trabalho e do capital também vem apresentando transformações segundo o relatório. Entre 1980 a 2025, a participação dos rendimentos do trabalho registrou queda de 61% para 53% da renda global, enquanto a fatia destinada ao capital aumentou de 29% para 47%. Essa transformação reflete a perda relativa da participação global dos salários em favor dos detentores de riquezas; fenômeno que apresenta irregularidades regionais, influenciado pelas estruturas setoriais e o poder de negociação dos trabalhadores ([Dietrich et al. 2025, apud CHANCEL et al. 2025](#)).

A literatura econômica dominante, ancorada na tradição neoclássica, tende a interpretar a concentração de maiores níveis de poupança agregada à ampliação da capacidade produtiva. Em contraste, abordagens heterodoxas, especialmente a tradição pós-keynesiana e kaleckiana, enfatizam que o investimento não decorre automaticamente da poupança, mas é fundamentalmente determinado pela demanda efetiva e pelas expectativas de lucro dos empresários. Nessa perspectiva, a desigualdade excessiva, ao comprimir a renda dos trabalhadores e enfraquecer o consumo, pode atuar como um entrave estrutural à acumulação de capital e ao crescimento econômico.

Esse debate adquire novos contornos no contexto contemporâneo, caracterizado por profundas transformações na organização da produção global. A fragmentação internacional da produção em Cadeias Globais de Valor, a crescente centralidade dos ativos intangíveis e o fortalecimento dos monopólios de propriedade intelectual alteraram significativamente a forma como o valor é criado, apropriado e reinvestido. Em muitas economias, observa-se uma dissociação crescente entre lucros elevados e investimento produtivo, fenômeno que tem sido associado à financeirização, à captura de rendas monopolistas e à redução dos encadeamentos produtivos tradicionais. Nesse sentido, compreender a relação entre desigualdade de renda e investimento exige não apenas um retorno ao arcabouço teórico da economia política, mas também sua atualização à luz do novo paradigma da produção global.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo investigar empiricamente a relação entre desigualdade de renda e investimento produtivo, articulando a formulação teórica de Michal Kalecki com as transformações estruturais do capitalismo contemporâneo. Busca-se responder se níveis mais elevados de desigualdade estão associados a maiores ou menores taxas de Formação Bruta de Capital Fixo e de que forma capacidades produtivas estruturais, como capital humano, tecnologias da informação e comunicação, instituições, infraestrutura e mudança estrutural, condicionam essa relação em uma perspectiva internacional e de longo prazo.

Para cumprir esse objetivo, o trabalho utiliza dados anuais de um amplo conjunto de países ao redor do mundo, combinando análises descritivas e modelos econométricos em painel. Ao fazê-lo, pretende-se contribuir para o debate teórico sobre os determinantes do investimento, bem como oferecer evidências empíricas que dialoguem com interpretações contemporâneas da estagnação econômica e da dinâmica do capitalismo global.

O artigo está organizado da seguinte forma. A seção 2 apresenta o arcabouço teórico, discutindo os determinantes da distribuição e do investimento produtivo a partir da perspectiva kaleckiana. A seção 3 analisa o atual paradigma de organização da produção global, destacando o papel das Cadeias Globais de Valor, dos ativos intangíveis e da concentração do poder econômico. A seção 4 descreve a estratégia empírica e apresenta os resultados da análise estatística e econométrica. Por fim, a seção 5 reúne as considerações finais, sintetizando os principais achados, suas implicações teóricas e empíricas, bem como possíveis caminhos para pesquisas futuras.

2 O DETERMINANTES DA DISTRIBUIÇÃO E DO INVESTIMENTO PRODUTIVO: O PENSAMENTO DE KALECKI

A formulação kaleckiana (1985) articula explicitamente a dinâmica de curto prazo com o comportamento de longo prazo da economia (STOCKHAMMER, 1999). Ao contrário do ambiente de concorrência perfeita da abordagem neoclássica, os modelos neo-kaleckianos partem de mercados imperfeitos, oligopolistas, nos quais a variável de ajuste não serão os preços e sim o grau de utilização da capacidade instalada (HEIN, 2014).

Para Kalecki (1985) os preços deixam de ser plenamente flexíveis em virtude da competição oligopolista e passam a possuir certa rigidez a representar o Grau de Monopólio das firmas. Esse grau, por sua vez, dependerá do nível de concentração do mercado, influência da publicidade, grau de modificação dos custos indiretos, preço dos insumos para a produção, além do poder dos sindicatos. Ou seja, será o resultado da concorrência intercapitalista nos mercados de produtos e insumos tanto quanto do poder na barganha salarial dos trabalhadores (Possas, 1987).

Diante de sua força de monopólio, as firmas poderão determinar seus preços a partir de um multiplicador, o mark-up, a ser aplicado sobre seus custos diretos de produção. O tamanho desse mark-up, que expressa o próprio grau de monopólio, será aqui o principal elemento explicativo tanto do poder de mercado da firma quanto da distribuição da renda no plano das relações de concorrência entre capitalistas e trabalhadores (Possas; Baltasar, 1981). O valor agregado obtido no processo de produção será, então, dividido entre salário (W) e lucros (P), criando com isso duas classes distintas: os trabalhadores e os capitalistas.

Mormente, quanto mais elevado o grau de monopólio e, portanto, o mark-up, maior será a fração da renda destinada aos lucros capitalistas e menor a parte destinada aos salários dos trabalhadores. Ao contrário da visão neoclássica, aqui, a distribuição da renda não se dará pelas contribuições marginais dos fatores produtivos, nesse mecanismo endógeno ao sistema de produção, mas pelos Fatores de Distribuição expressos no Grau de Monopólio, que são exógenos à função de produção.

A forma como a distribuição da renda acontece passa a adquirir grande importância dentro desse sistema de classes. Os capitalistas podem escolher como usar sua renda através do consumo de bens ou pela possibilidade de investir parte dele, os trabalhadores, ao contrário, não teriam a mesma sorte, visto que consomem seus salários por completo e não conseguem guardar parte deles³. O Produto Nacional Bruto (Y), se ignorado os gastos do governo e o saldo da balança comercial, será então dado pela soma do investimento (I) e consumo capitalista (Cc), possibilitado pelos lucros brutos mais o consumo dos trabalhadores (Cw) oriundos dos salários e ordenados.

$$Y = I + Cc + Cw \quad (1)$$

Para demonstrar esse mecanismo dinâmico da distribuição funcional da renda, Kalecki desenvolve um modelo simplificado de reprodução econômica subdividindo-a em 3 departamentos. Nele, o Departamento 1 (D1) produz Bens de Capital, auferindo lucros (P1) aos seus capitalistas e salários (W1) aos trabalhadores desse setor.

Quadro1: Esquema de reprodução economia fechada e sem governo

D1	D2	D3	Total
P1	P2	L3	Pt
W1	W2	W3	Wt
I	Ck	Cw	Yt

Fonte: Miglioli 1979

O Departamento 2 (D2) produz bens de consumo mais sofisticados aos capitalistas (Ck), a partir dos bens de capital adquiridos de (D1), gerando lucros aos capitalistas em P2 e aos trabalhadores deste

³ Pasinetti (1962) flexibilizará essa simplificação, na medida que ambas as classes podem poupar, sem alterar os efeitos dinâmicos sobre a forma como os lucros são distribuídos.

mesmo setor (W2). Já o Departamento 3 (D3) fabrica bens de consumo para os trabalhadores e os lucros dos capitalistas desse setor (P3) possibilita o investimento em bens de capital adquiridos em (D1). A soma dos lucros e salários representam a renda total (Yt).

Esse arranjo evidencia, de um lado, a interdependência entre setores e, de outro, o papel da distribuição de renda na determinação de lucros (Pt) e produto agregado (Yt). Uma alteração para cima nos salários de W2, por exemplo, reduziria inicialmente os lucros de P2, mas elevaria a demanda de bens de consumo assalariado em D3 ([Possas, 1987](#)). Mas não só isso, com o acréscimo da demanda pelos produtos de D3 eleva-se também os lucros (P3) e os salários (W3), crescimento esse que irá retroalimentar D1 e D2, trazendo de volta o aumento não apenas a P2, mas também a toda massa de lucro (Pt), a renda total (Yt) e aos salários totais (Wt). Assim, a consequência do aumento dos salários não terá sido a redução dos lucros, mas um maior nível de renda, produção e emprego ([Possas, 1987](#)). O capitalista pode ter perdido na sua margem, mas foi compensado pelo aumento na quantidade vendida em função do maior volume demandado. A demanda será aqui o motor da produção e do crescimento.

Por outro lado, uma piora na distribuição de renda com uma elevação geral de preços que privilegie (D3), por conta de um crescente grau de monopólio deste setor, tenderia a reduzir os salários médios reais dos trabalhadores dos três setores ([Possas, Baltasar, 1981](#)). Esta queda salarial em W3, dado pelo aumento do mark-up, fará com que haja pressão aos salários e ao consumo no conjunto dos setores; ficando virtualmente inoperante seus efeitos dinâmicos. Esta possibilidade de que o aumento da participação do lucro na renda na verdade diminua a taxa de lucro constituirá um Paradoxo dos Custos ao capitalista ([Lavoier, 2014](#)).

Em virtude desta constatação, Mario Possas ([1987](#)) proporrá o caráter implícito do conceito keynesiano da Demanda Efetiva na obra de Kalecki⁴. A renda nacional dependerá dessa distribuição funcional da renda entre capitalistas e trabalhadores; renda nacional (Y) que sofrerá um efeito multiplicador a depender do aumento do consumo dos trabalhadores $\left(\frac{W}{Y}\right)$ frente ao investimento (I) e o Consumo Capitalista (Cc):

$$Y = \frac{I + Cc}{1 - \frac{W}{Y}} \quad (2)$$

Essa constatação fará Kalecki ([1985](#)) propor mecanismos que estimulem a ampliação da participação dos salários na renda como forma de estimular o crescimento da economia ([Sanches, Cabello, 2022](#)). Enquanto a percepção neoclássica sugeriria que uma poupança maior possibilita um aumento do investimento; para Kalecki percebe-se uma causalidade inversa: o consumo estimula o investimento de modo que o investimento precede a própria poupança. Isso se daria porque mesmo que o investimento se origine das reservas de lucros ou empréstimos bancários, as quantias investidas se tornam valores idênticos em lucros de outros setores expressos em depósitos bancários, ou seja, o investimento, ao ser realizado, automaticamente cria uma poupança necessária para financiá-lo ([Kalecki, 1985](#)).

Mas essas escolhas de investir não ocorrerão por acaso, o capitalista terá o poder de escolher entre investir em estoques ou capital fixo. Enquanto os estoques teriam pouca relevância, pois representam apenas uma variação da produção, o investimento em capital fixo representará grade importância ao mecanismo dinâmico em virtude do seu poder de aumento produtivo. Todavia, uma vez estabelecidos os níveis de produção a partir da demanda vigente, o capitalista desidratará o nível de investimento a um valor restrito à manutenção da depreciação do capital já existente. Este movimento possibilita visualizar que o desenvolvimento de longo prazo não é algo inerente à economia capitalista (Kalecki, 1985), sendo necessário algo que assegure um movimento ascendente a longo prazo.

Para o autor, os denominados “Fatores de Desenvolvimento” serão esses elementos que possibilitarão a economia sair do seu estado de apatia estacionária em direção a uma tendência crescente no longo prazo. Fatores como o crescimento populacional, poupança externa e, principalmente, a inovação

⁴ [Miglioli \(1985\)](#) relembra que, entre 1933 e 1935, antes da teoria geral de Keynes, Kalecki já havia publicado, em polonês, três estudos que já constituíram, em conjunto, a primeira formulação precisa e sistemática do papel da demanda efetiva no processo de reprodução capitalista.

permitirão que a acumulação de capital resultado de longo prazo se encaminhe a níveis superiores. Nesse sentido, qualquer enfraquecimento nesses fatores e, em especial no fluxo de investimentos em inovações, manifesta um declínio na intensidade do crescimento. As inovações transformam um sistema que era estático em outro, com uma tendência ascendente ([Kalecki, 1985](#)).

O investimento será então para Kalecki o responsável pelo conjunto de irregularidades que caracterizam os ciclos econômicos. As mudanças e crises periódicas terão assim o seu grande protagonista: o investimento. E seu papel neste teatro cíclico deve-se, justamente, a sua grande utilidade advinda do fato de que “o investimento não apenas é produzido, mas também é produtor” ([Miglioli, 1985](#)).

3 O ATUAL PARADIGMA DE ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO GLOBAL E O INVESTIMENTO PRODUTIVO

O atual paradigma de organização da produção global é resultado do aprofundamento do processo de globalização ocorrido nas últimas décadas, viabilizado tanto por transformações institucionais quanto pelo avanço do progresso tecnológico. Conforme destacam [Marcato e Oliveira \(2023\)](#), a flexibilização de barreiras tarifárias e não tarifárias, associada à redução dos custos de coordenação e transporte, permitiu a consolidação das Cadeias Globais de Valor (CGVs), nas quais a produção passa a ser fragmentada internacionalmente. Nesse arranjo, as diferentes etapas do processo produtivo são distribuídas entre países distintos, de acordo com suas vantagens relativas em termos de custos, capacidades produtivas, infraestrutura e ambiente institucional.

Essa fragmentação espacial da produção é acompanhada por uma profunda reconfiguração da forma como o valor é criado e apropriado ao longo das cadeias produtivas. Conforme argumentam [Santos et al. \(2023\)](#), observa-se, no século XXI, uma intensificação do diferencial de criação de valor entre os distintos estágios das cadeias de valor. No atual cenário, a maior parcela do valor agregado tende a concentrar-se de forma evidentemente mais acentuada nas etapas de pré-produção, associadas a ativos intangíveis como concepção de produto, design e pesquisa e desenvolvimento, bem como nas fases de pós-produção, que incluem marketing, vendas, serviços incorporados aos produtos e atividades de pós-venda. Esse movimento é reforçado pelo processo de servicificação da manufatura, no qual serviços intensivos em conhecimento passam a desempenhar papel central na competitividade das firmas líderes.

Como consequência direta dessa nova lógica de criação e apropriação de valor, as etapas intermediárias da produção, tipicamente mais intensivas em trabalho e capital físico e com menor conteúdo de ativos intangíveis, tendem a ser deslocadas para países com maiores diferenciais de custos e salários, frequentemente economias em desenvolvimento ou emergentes. Em contrapartida, as economias avançadas passam a se especializar crescentemente nas funções de comando, coordenação e controle das cadeias globais, concentrando atividades intensivas em conhecimento, serviços avançados e gestão de ativos intangíveis. Esse padrão de especialização internacional, deve ser avaliado sob duas perspectivas: além de reforçar ainda mais o processo de desindustrialização clássico, historicamente observado nas economias centrais, pode resultar numa espécie de “industrialização supérflua” ou “rasa” nos países em desenvolvimento.

Conforme argumentam [Marcato e Oliveira \(2023\)](#), a desindustrialização tradicional decorre, em grande medida, de assimetrias de produtividade entre a indústria e os demais setores, uma vez que os ganhos de eficiência industrial tendem a poupar trabalho e deslocar essa força para o setor de serviços. Soma-se a esse fator a mudança nos padrões de consumo, com uma parcela crescente da renda sendo direcionada à demanda por serviço. Por outro lado, de acordo com [Santos et al. \(2023\)](#), a “industrialização supérflua” pode ocorrer como resultado de uma dinâmica, onde países em desenvolvimento, entram nas CGVs nos estágios em que possuem maior vantagem relativa. E, como consequência, ao invés de construírem cadeias produtivas completas e internalizarem atividades intensivas em conhecimento, podem acabar presos a uma

dinâmica de elevada competitividade internacional, margens reduzidas e baixa possibilidade de ascensão funcional ao longo das cadeias.

É nesse contexto que se torna pertinente recorrer à explicação proposta por [Schwartz \(2022\)](#), a qual oferece uma interpretação abrangente da configuração contemporânea da produção global e de sua relação com a persistente baixa taxa de investimento produtivo em escala mundial, fenômeno que o autor associa à estagnação secular. Em seu artigo “*Global secular stagnation and the rise of intellectual property monopoly*”, o autor propõe uma interpretação inovadora da estagnação secular global, caracterizada por mais de três décadas de baixo crescimento do PIB e da produtividade nas economias da OCDE. O autor sustenta que as explicações convencionais, centradas em fatores demográficos ou na crescente desigualdade entre capital e trabalho, são analiticamente insuficientes, pois negligenciam um elemento central do capitalismo contemporâneo: o conflito distributivo de lucros entre as próprias firmas, mediado pela ascensão dos monopólios de propriedade intelectual (Intellectual Property Rights - IPRs).

O argumento central de Schwartz é que a economia global passou de uma estrutura fordista, relativamente integrada e dual, para uma organização industrial tripartite e fragmentada, operando sob uma lógica análoga à de um sistema de franquias. Nesse novo arranjo, firmas situadas no topo da hierarquia produtiva, como grandes empresas de tecnologia e plataformas globais, detêm monopólios sobre ativos intangíveis, tais como patentes, marcas e direitos autorais. Esses ativos lhes conferem controle efetivo sobre extensas cadeias globais de produção, apesar de tais empresas não assumirem, do ponto de vista jurídico, responsabilidade direta sobre os ativos físicos ou a força de trabalho das camadas inferiores. Esse processo de “fissuração” organizacional gera um paradoxo estrutural: embora os lucros globais tenham aumentado de forma expressiva, o investimento produtivo, medido pela formação bruta de capital fixo (FBKF), apresenta uma trajetória declinante.

A correlação negativa entre lucros elevados e baixo investimento é explicada por Schwartz a partir do comportamento específico das três camadas que compõem essa nova estrutura produtiva. A camada superior, composta por firmas intensivas em IPRs, apresenta baixa propensão marginal a investir em capital fixo, uma vez que sua rentabilidade decorre predominantemente da apropriação de rendas associadas ao controle do conhecimento codificado. Essas empresas capturam parcela significativa do excedente global, mas tendem a direcionar seus recursos para a acumulação financeira, recompra de ações ou retenção de caixa, em detrimento da expansão da capacidade produtiva. A camada intermediária, formada por empresas intensivas em capital físico, como montadoras e fabricantes de semicondutores, opera sob margens comprimidas e enfrenta elevada incerteza quanto à demanda futura, o que as leva a postergar ou evitar investimentos por receio de gerar capacidade ociosa. Por fim, a camada inferior, caracterizada por firmas intensivas em trabalho de baixa qualificação, opera com lucros marginais reduzidos e busca rentabilidade por meio da compressão salarial e da precarização das relações de trabalho, realizando investimentos mínimos tanto em capital físico quanto em capital humano.

Além disso, Schwartz rejeita a interpretação segundo a qual essa configuração seria um resultado inevitável do progresso tecnológico associado às tecnologias da informação e comunicação. Para o autor, a estrutura tripartite da produção global é, fundamentalmente, uma construção política e jurídica, sustentada por decisões estatais que fortaleceram os regimes de propriedade intelectual e, simultaneamente, enfraqueceram os mecanismos tradicionais de regulação antitruste. Os direitos de propriedade intelectual são, nesse sentido, entendidos como “criaturas políticas”, que permitem às firmas líderes extrair rendas tecnológicas monopolistas sem assumir os riscos e custos associados à gestão direta de grandes plantas industriais ou contingentes expressivos de trabalhadores.

Ainda, em seu trabalho Schwartz chega à conclusão de que a estagnação secular não deve ser interpretada como um desdobramento natural da transição para uma “economia de serviços”, mas como o resultado de um conjunto específico de escolhas institucionais e regulatórias que concentraram o excedente em empresas estruturalmente pouco inclinadas ao investimento produtivo. A superação desse padrão de baixo crescimento exigiria, portanto, reformas profundas nos regimes de propriedade intelectual, políticas antitruste e relações de emprego, com o objetivo de desconcentrar os lucros, revitalizar a demanda agregada e restabelecer os incentivos ao investimento produtivo em escala global.

À luz da formulação kaleckiana, o atual paradigma da produção global pode ser interpretado como uma radicalização estrutural dos mecanismos de concorrência imperfeita, concentração e distribuição funcional da renda descritos por Kalecki. A centralidade crescente dos ativos intangíveis e dos monopólios de propriedade intelectual nas Cadeias Globais de Valor amplia o grau de monopólio das firmas líderes, permitindo a fixação de mark-ups elevados e relativamente dissociados da expansão da capacidade produtiva. Tal configuração reforça a apropriação do excedente sob a forma de lucros, ao mesmo tempo em que comprime a participação dos salários e fragiliza os canais de transmissão da demanda efetiva ao longo do sistema produtivo.

Nesse contexto, o deslocamento das etapas intermediárias da produção para economias de menor custo e a especialização das economias avançadas em serviços intensivos em conhecimento não apenas reconfiguram a divisão internacional do trabalho, mas também enfraquecem os encadeamentos dinâmicos entre investimento, renda e demanda, centrais no esquema de reprodução kaleckiano. A elevação da participação dos lucros na renda, longe de estimular automaticamente o investimento produtivo, tende a reproduzir o Paradoxo dos Custos, na medida em que reduz o consumo dos trabalhadores, limita a expansão da demanda agregada e desestimula decisões de investimento em capital fixo. Assim, o novo paradigma da produção global oferece uma base estrutural para compreender por que, mesmo diante de elevados níveis de lucratividade corporativa, o investimento produtivo permanece persistentemente baixo, abrindo espaço para interpretações contemporâneas da estagnação secular compatíveis com o núcleo analítico de Kalecki.

4. ANÁLISE EMPÍRICA

A partir das perspectivas teóricas discutidas anteriormente e da caracterização do novo paradigma da produção global, esta seção investiga empiricamente em que medida os níveis históricos de desigualdade de renda se relacionam com o investimento em capital fixo. Em um contexto marcado pela fragmentação internacional da produção, pela centralidade dos ativos intangíveis e pela crescente concentração de poder de mercado, buscaremos avaliar se níveis mais elevados de concentração de renda, ao potencializar a poupança agregada, são capazes de estimular o investimento produtivo ou se, ao contrário, uma distribuição menos desigual da renda, ao sustentar maior demanda efetiva, induz um maior dinamismo da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF).

Sob o novo paradigma da organização da produção global, as decisões de investimento passam a ser fortemente condicionadas pela posição ocupada pelas economias e firmas ao longo das cadeias produtivas, bem como pela natureza dos ativos nos quais se baseia a criação de valor. Nesse sentido, a análise incorpora um conjunto de fatores estruturais e institucionais que refletem as transformações contemporâneas da produção global, incluindo variáveis associadas ao capital humano, ao capital natural, às tecnologias da informação e comunicação (TICs), às instituições, bem como da infraestrutura de energia e transporte. Esses elementos influenciam diretamente o tipo de inserção nas CGVs e, conseqüentemente, a rentabilidade esperada e o nível de incerteza que orientam as decisões de investimento produtivo.

Empiricamente, para esta análise, faremos o uso de dados anuais em séries temporais provenientes do World Bank Open Data, abrangendo um conjunto de 216 economias ao redor do mundo no período de 1984 a 2023. Os níveis de desigualdade de renda são mensurados por meio dos índices de Gini, enquanto o esforço de investimento é captado pela Formação Bruta de Capital Fixo como proporção do PIB. Neste último usaremos o mecanismo de winsorização (estabelecendo uma margem de 4% - 96% aos dados) a fim de não eliminar, mas sim ajustar outliers presentes nas médias das taxas de investimento. Para identificar o estágio de desenvolvimento das capacidades produtivas nacionais, usaremos também índices adicionais relacionadas ao capital humano, capital natural, TICs, instituições, energia e transporte que serão extraídos da UNCTAD Databases ([Nações Unidas, 2025](#)) e contará com um total de 195 economias, entre os anos de 2000 e 2023.

Este amplo conjunto de países incluídos na amostra contempla economias em distintos estágios de desenvolvimento, com variados níveis de renda per capita e diferentes padrões de inserção nas cadeias globais de valor. Essa heterogeneidade possibilita uma análise transversal dos vínculos entre desigualdade,

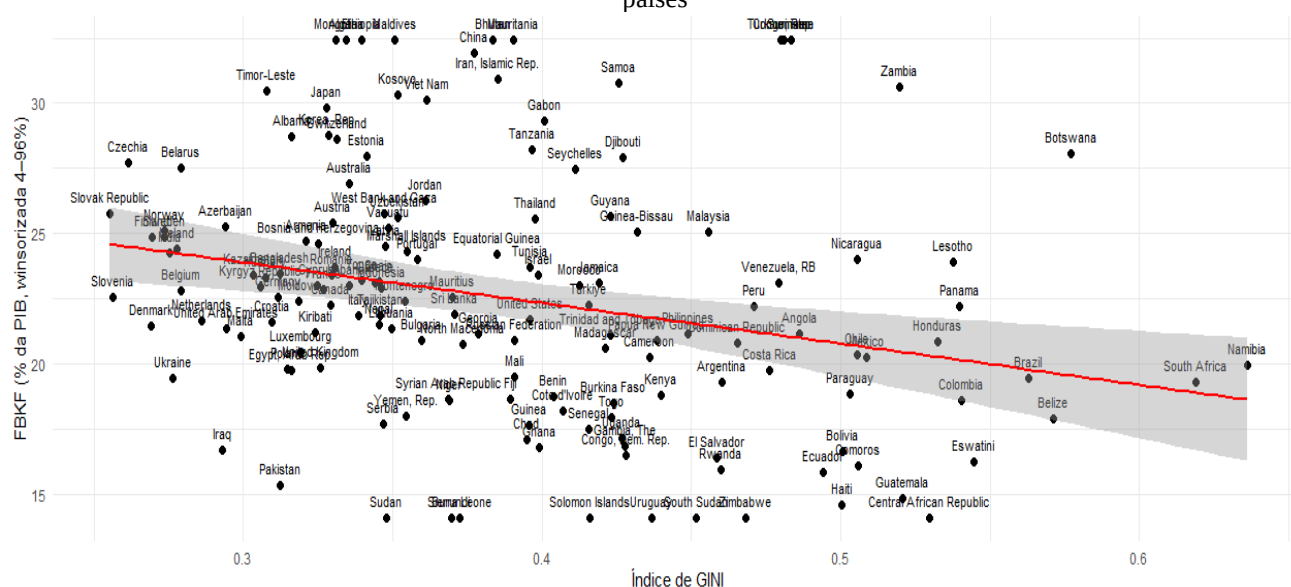
condições estruturais e investimento produtivo, permitindo identificar de que forma os novos paradigmas globais e os níveis de distribuição da renda se traduzem, ou não, em estímulos ao investimento em capital.

4.1. A relação do Coeficiente de Gini e Formação bruta de Capital Fixo

Como exercício inicial, buscaremos analisar como as médias nacionais dos Índices de Gini e da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) se relacionam nesse período que vai de 1984 a 2023. O objetivo é verificar se diferentes níveis de desigualdade estão associados a diferentes taxas de investimento, isto é, se uma maior desigualdade tende a acompanhar maior ou menor intensidade no investimento em capital fixo ou vice-versa. Para isso, utilizaremos o coeficiente de correlação de Pearson para mensurar a força e a direção da relação linear entre as duas variáveis.

Consideraremos o indicador de FBKF no eixo vertical e GINI no eixo horizontal, o gráfico 5 apresenta a dispersão dos países bem como a direção da relação linear entre as duas variáveis:

Gráfico 5: Relação entre as Médias (1984 – 2023) da Formação Bruta de Capital Fixo (% do PIB) e do Índice de GINI dos países



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do World Bank Open Data

A análise demonstrada a distribuição dos 156 países aos quais ficou disposto dados médios para os dois indicadores ao longo do período considerado. A nuvem de pontos revela uma relação negativamente inclinada, sugerindo que maiores níveis de investimento tendem a estar associados a menores índices de desigualdade. Através do teste de Pearson podemos quantificar a intensidade e a significância estatística dessa associação:

Tabela 3: Teste de Pearson

Variáveis	Coef. de correlação (r)	t.calculado	p.valor	N
Médias FBKE $\times$ Gini	-0.264	-3.393	0.000879	156

Fonte: Elaboração própria

O teste revela um coeficiente de correlação de -0,26, indicando uma relação linear negativa de baixa a moderada intensidade entre o Índice de Gini e FBKF em proporção ao PIB. A estatística t de -3.39, com um p-valor em torno de 0,0009 encontra-se bem abaixo do nível de significância de 1%, o que leva a rejeição da hipótese nula de correlação inexistente. Com isso, a hipótese alternativa é favorecida, demonstrando que a relação negativa observada é estatisticamente significativa.

Os resultados obtidos demonstram consistência com o arcabouço teórico apresentado anteriormente, especialmente com a abordagem kaleckiana para os determinantes do investimento produtivo. A associação negativa e estatisticamente significativa entre desigualdade de renda e Formação Bruta de Capital Fixo

sugere que, em grande medida, economias caracterizadas por maior concentração de renda tendem a apresentar menor intensidade de investimento em capital fixo, reforçando a ideia de que a acumulação de capital não decorre automaticamente de níveis elevados de poupança, mas de uma sustentação da demanda efetiva. À luz da formulação de Kalecki, a compressão da renda dos trabalhadores, associada a maiores graus de monopólio e a estruturas produtivas concentradas, enfraquece os canais de transmissão entre renda, consumo e investimento, contribuindo para um ambiente de baixo dinamismo produtivo. No contexto do novo paradigma da produção global, marcado pela centralidade dos ativos intangíveis e pela fragmentação das cadeias produtivas, esse mecanismo tende a ser ainda mais pronunciado, uma vez que a elevação da participação dos lucros não se traduz necessariamente em expansão da capacidade produtiva, mas frequentemente em retenção de caixa, financeirização ou recompras de ativos.

4.2. RESULTADOS ECONÔMETRICOS

Partindo desse pano de fundo, esta seção objetiva avançar analiticamente frente às hipóteses derivadas do arcabouço teórico discutidos anteriormente, avaliando em qual medida os níveis de distribuição de renda e outras heterogeneidades nos desenvolvimentos nacionais podem influenciar o comportamento do investimento em Formação Bruta de Capital Fixo em proporção ao PIB.

Para isso, além dos dados de FBKF e Gini coletados anteriormente, faremos o uso dos chamados Índices de Capacidades Produtivas (PCI/UNCTAD), a fim de identificar o estágio de desenvolvimento estrutural das economias. Estes índices se constituem como um indicador analítico multidimensional para descreverem os estágios de desenvolvimento dos recursos, capacidades e ligações produtivas nacionais chaves para o bem estar das economias. Este índice, oferecido na UNCTAD Databases ([Nações Unidas, 2025](#)), reúne 43 outros indicadores poder ser subdividido em 8 indicadores assim descritas pela UNCTAD:

- **Capital Humano:** Engloba o nível de educação, as competências e o nível de saúde da população, assim como a integração entre pesquisa e desenvolvimento nas sociedades.
- **Capital Natural:** Constitui os recursos naturais extrativos e agrícolas de uma economia, bem como o tamanho da renda gerada por eles.
- **Energia:** Descreve a disponibilidade e acessibilidade energética para a sustentação da vida social e da atividade econômica.
- **Transporte:** capacidade e uso de redes de transporte rodoviário, ferroviário, aéreo e marítimo, além da liberdade que possibilite fluxo eficiente de pessoas, mercadorias e informações.
- **Tecnologias de Informação e Comunicação (Tics):** Acesso e uso de infraestrutura para fluxo de dados e informações
- **Instituições:** Nível de governança, leis e regulamentos que viabilizam os mercados, protegem os direitos e garantem políticas eficazes.
- **Setor Privado:** Reflete a força e dinamismo do setor privado: desenvolvimento financeiro, ambiente de negócios, empreendedorismo, acesso a crédito, presença de empresas formais.
- **Mudança Estrutural:** Grau de diversificação e sofisticação da estrutura produtiva. Reflete a transformação de atividades primárias de baixa produtividade para indústria e serviços mais complexos.

A estratégia econométrica consiste na estimação de modelos de dados em painel com efeitos aleatórios, efeitos fixos e com defasagem das variáveis explicativas, de modo a capturar a persistência temporal do investimento e mitigar possível endogeneidade entre investimento corrente e os índices das capacidades produtivas. A equação básica vem da seguinte estrutura:

$$FBKF_{it} = \beta_0 + \beta_1 GINI_{it} + \beta_2 \text{Human. capital}_{it} + \beta_3 \text{Natural. capital}_{it} + \beta_4 \text{Energy}_{it} + \beta_5 \text{Transport}_{it} + \beta_6 \text{Information. and. Communication. Technology. ICT}_{it} + \beta_7 \text{Institutions}_{it} + \beta_8 \text{Private. sector}_{it} + \beta_9 \text{Structural. Change}_{it} + u_i + \varepsilon_{it}$$

A tabela 4 apresenta os resultados das estimações dos modelos:

	Variável dependente:		
	FBKF (% do PIB)		
	Efeitos fixos (1)	Efeitos aleatórios (2)	Efeitos fixos com defasagem t-1 (3)
Índice de Gini	-9.6633*** (3.3678)	-12.2736*** (2.9827)	-9.4590*** (3.2221)
Capital humano	-0.0329** (0.0131)	-0.0415*** (0.0130)	-0.0294** (0.0127)
Capital natural	-0.0381* (0.0202)	0.0046 (0.0167)	-0.0118 (0.0190)
Energia	0.0098 (0.0155)	-0.0030 (0.0149)	0.0024 (0.0149)
Transporte	0.0069 (0.0136)	-0.0038 (0.0127)	0.0028 (0.0128)
Tec. Infor. e Com.	-0.0198** (0.0087)	-0.0205** (0.0088)	-0.0330*** (0.0084)
Instituições	-0.0125 (0.0120)	-0.0160 (0.0117)	-0.0430*** (0.0117)
Setor privado	-0.0064 (0.0142)	-0.0119 (0.0141)	-0.0016 (0.0136)
Mudança estrutural	0.1801*** (0.0124)	0.1801*** (0.0122)	0.1461*** (0.0119)
Constant		22.1353*** (1.5324)	
Observations	1,580	1,580	1,580
R2	0.1503	0.3153	0.1144
Adjusted R2	0.0663	0.3114	0.0262
F Statistic	28.2433*** (df = 9; 1437)	264.9562***	20.6016*** (df = 9; 1436)

Note: *p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

A análise pôde contar com dados de 134 países, totalizando 1580 observações e seus resultados indicam que a desigualdade e algumas capacidades produtivas estão estritamente associadas à FBKF nos modelos. Os modelos apresentaram um ajuste de R^2 explicativo em 0,15 da variação da FBKF nos países ao longo do tempo no modelo de efeito fixo, 0,31 no aleatório e 0,11 no painel defasado, sugerindo que o modelo de Efeito aleatório se ajusta melhor a variância total. O teste de Hausman demonstrou um p-valor de 0,993 o que implica que não há evidências estatística de correlação entre os efeitos não observados na regressão a ponto de não rejeitar a hipótese nula de que o modelo de efeitos aleatórios seja inconsistente.

Com um efeito estaticamente significativo, ao nível de $p < 0.01$, a análise indica que o aumento de 1 ponto no índice de GINI, ou seja, um aumento da desigualdade, está associado a uma queda aproximada de 9,5 pontos na FBKF (% do PIB) para o modelo de efeitos fixo e defasado, enquanto o modelo de efeito aleatório apresenta uma queda de 12,3 pontos desse mesmo indicador. Sugerindo que um aumento da desigualdade de renda representa um declínio nos níveis de investimento.

Já o índice de capital humano mostra um coeficiente negativo nos três modelos. Sendo este um índice sintético que combina escolaridade, saúde e outros componentes, o resultado negativo deste

indicador pode ser relacionado a maiores volumes de investimento em capital humano em países cujo estágio de acumulação de capital se encontra mais avançado, onde a taxa de investimento em estrutura fixa tende a estar caindo ou mais estabilizada ([European Central Bank, 2017](#)).

Os resultados para Tecnologia da Informação e Comunicação (Tics) também apresentam valores significante ao nível de $p < 0,05$. Nesse elemento, o modelo encontrou um coeficiente negativo de -0,02 e -0,03 nas estimativas, podendo indicar que um aumento das ferramentas de informação tende a causar uma menor demanda por capital físico. Ou seja, uma substituição de estruturas físicas por digitais, como ficou sugerido por [Kumari et al. \(2023\)](#).

Outro efeito positivo forte e altamente significativo em todos os modelos é o de Mudança Estrutural. A cada ponto em avanço desse indicador, a FBKF cresce em torno de 0,18 pontos dentro do país ao longo do tempo. Este se configura como o componente mais robusto do modelo, sugerindo que o avanço para estágios superiores de tecnologia e as evoluções inovativas estrutural têm papel fundamental no nível do investimento. Uma indicação que se alinha com as hipóteses propostas no modelo macroeconômico observado, onde a evolução dos estágios de tecnologia é o grande Fator de Desenvolvimento que tira a economia da estagnação e apatia estacionária.

Nesse sentido, os resultados apresentados na Tabela 4 reforçam, de forma consistente, os mecanismos centrais discutidos no arcabouço teórico kaleckiano. O coeficiente negativo e estatisticamente significativo do Índice de Gini em todos os modelos converge com a formulação de Kalecki apresentada, segundo a qual a uma melhor distribuição funcional da renda desempenha papel central na determinação da demanda efetiva e, conseqüentemente, das decisões de investimento. A persistência do efeito negativo mesmo com a defasagem sugere que uma grande desigualdade atua não apenas de forma contemporânea, mas também condiciona o dinamismo do investimento de forma persistente.

Adicionalmente, os resultados associados às variáveis estruturais dialogam diretamente com a caracterização do novo paradigma da produção global. O efeito negativo e significativo do Capital Humano, das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e das instituições, sobretudo no modelo com defasagem, sugere que avanços nesses domínios não se traduzem automaticamente em maior investimento em capital fixo. Essa evidência é compatível com a literatura que aponta para a centralidade crescente dos ativos intangíveis e dos monopólios de propriedade intelectual, nos quais o aumento da produtividade e da rentabilidade não exige, necessariamente, expansão proporcional da capacidade produtiva material. Sob essa ótica, a acumulação passa a se deslocar do investimento físico para formas de valorização associadas ao controle do conhecimento, à financeirização e à captura de rendas, enfraquecendo o papel tradicional do investimento como motor do crescimento econômico.

É preciso constatar, entretanto, que, do ponto de vista teórico, pode haver uma relação entre formação bruta de capital fixo e alguns elementos constituintes das capacidades produtivas: estas podem condicionar o investimento e, ao mesmo tempo, ser ampliadas por ele. Tais simultaneidades violariam a hipótese de exogeneidade estrita dos regressores em modelos lineares estáticos de painel ([Barros, 2019](#)), de modo que as estimativas aqui apresentadas devem ser interpretadas como associações condicionais. Trabalhos futuros poderão buscar identificar melhor estas relações e capturar instrumentos ainda mais apropriados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar a relação entre distribuição de renda e investimento produtivo, articulando o arcabouço teórico pós-keynesiano, em especial a formulação de Michal Kalecki, com a caracterização do atual paradigma de organização da produção global, marcado pela fragmentação das Cadeias Globais de Valor, pela centralidade dos ativos intangíveis e pela crescente concentração do poder econômico. A análise empírica buscou avaliar, em perspectiva internacional e de longo prazo, se padrões distributivos distintos estão associados a diferentes níveis de Formação Bruta de Capital Fixo, bem como de que forma capacidades produtivas estruturais condicionam esse processo.

Os resultados empíricos encontrados fornecem evidências de que maiores níveis de desigualdade de renda estão sistematicamente associados a menores taxas de investimento em capital fixo, tanto na análise descritiva por meio do coeficiente de correlação de Pearson quanto nos modelos econométricos em

painel com efeitos fixos, aleatórios e defasados. Nesse sentido, a compressão da renda do trabalho, associada a estruturas de mercado concentradas, tende a enfraquecer os encadeamentos dinâmicos entre renda, consumo e investimento.

A incorporação dos indicadores de capacidades produtivas permitiu aprofundar a análise à luz do novo paradigma da produção global. Os resultados indicam que avanços em dimensões como capital humano, tecnologias da informação e comunicação e instituições não se traduzem automaticamente em maior investimento em capital fixo, especialmente quando considerados de forma isolada. Essa evidência é compatível com a literatura que aponta para a crescente dissociação entre rentabilidade corporativa e investimento material em um contexto no qual a criação de valor está cada vez mais associada a ativos intangíveis, monopólios de propriedade intelectual e estratégias de valorização financeira. Em contrapartida, o efeito positivo e altamente significativo da mudança estrutural reforça a importância da transformação produtiva e da diversificação econômica como fatores centrais para a sustentação do investimento, em consonância com a noção kaleckiana de que a inovação e o avanço tecnológico são elementos fundamentais para romper a tendência à apatia estacionária do capitalismo.

Em termos mais amplos, os resultados deste trabalho sugerem que o baixo dinamismo do investimento produtivo observado em escala global não pode ser compreendido apenas como um fenômeno conjuntural ou tecnológico, mas como resultado de uma combinação entre padrões distributivos regressivos, estruturas produtivas fragmentadas e instituições que favorecem a concentração de rendas em segmentos pouco propensos ao investimento. Essa leitura aproxima-se das interpretações contemporâneas da estagnação secular, ao mesmo tempo em que reafirma a atualidade do núcleo analítico kaleckiano para a compreensão dos desafios do crescimento econômico no capitalismo contemporâneo.

Por fim, cabe destacar que, embora os modelos estimados revelem associações estatisticamente significativas, a existência de relações de determinação mútua entre investimento e capacidades produtivas impõe cautela na interpretação causal dos resultados. Investigações futuras podem avançar nesse debate por meio do uso de modelos dinâmicos mais sofisticados, estratégias de identificação causal e análises desagregadas por grupos de países ou posições nas Cadeias Globais de Valor. Ainda assim, as evidências aqui apresentadas reforçam a relevância de políticas econômicas voltadas à redução da desigualdade, ao fortalecimento da demanda agregada e à promoção de transformações estruturais, como condições necessárias para a retomada sustentável do investimento produtivo e do crescimento econômico de longo prazo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREDO, F. et al. (ed.). **World Inequality Report 2018**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018. Citado nas páginas: [2](#)

BARROS, Lucas Ayres Barreira de Campos et al. **Endogeneidade em regressões com dados em painel: Um guia metodológico para pesquisa em finanças corporativas**. RBGN: Revista Brasileira de Gestão de Negócios, jun. 2019. Citado nas páginas: [12](#)

CHANCEL, L., GÓMEZ-CARRERA, R., MOSHRIF, R., PIKETTY, T., et al. **World Inequality Report 2026**, World Inequality Lab. 2025. Citado nas páginas: [3](#)

EUROPEAN CENTRAL BANK. **Investment and growth in advanced economies**: proceedings of the ECB Forum on Central Banking, Sintra, 26-28 June 2017. Frankfurt am Main: European Central Bank, 2017. Disponível em: <https://www.ecb.europa.eu/pub/pdf/other/ecb.ecbforumcentralbanking2017.en.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2026. Citado nas páginas: [12](#)

HEIN, E. Distribution and growth after Keynes. **A post-keynesian guide**. Edward Elgar, 2014. Citado nas páginas: [4](#)

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. Citado nas páginas: [4](#)

KALECKI, Michal. **Teoria da dinâmica econômica: ensaios sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural; Nova Cultural, 1985. Citado nas páginas: [4](#), [5](#), [6](#)

KUMARI, D. R. et al. **Information communication technology (ICT) infrastructure and economic growth: a comparative analysis of low- and high-income countries**. Telecommunications Policy, v. 47, n. 5, p. 1-15, 2023. Citado nas páginas: [12](#)

LAVOIE, Marc. **Post-Keynesian economics: new foundations**. Cheltenham, UK; Northampton, USA: Edward Elgar, 2014. Citado nas páginas: [5](#)

MARCATO, Marília Basseti; OLIVEIRA, Pedro Dias de. **Desindustrialização e Cadeias Globais de Valor: considerações sobre o caso brasileiro**. In: ARAÚJO, Eliane; FEIJÓ, Carmem (org.). *Industrialização e desindustrialização no Brasil: teorias, evidências e implicações de política*. Curitiba: Editora Appris, 2023. Citado nas páginas: [6](#), [6.1](#)

MEDEIROS, M.; SOUZA, P. H. G. Ferreira de; CASTRO, F. A. de. **O Topo da Distribuição de Renda no Brasil: Primeiras Estimativas com Dados Tributários e Comparação com Pesquisas Domiciliares (2006-2012)**. Dados [online], v. 58, n. 1, p. 7-36, 2015. Citado nas páginas: [2](#)

MIGLIOLI, Jorge. **Acumulação de capital e demanda efetiva**. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979. Citado nas páginas: [4](#)

MIGLIOLI, Jorge. . **Prefácio**. In: KALECKI, Michal. *Teoria da dinâmica econômica: ensaios sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista*. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural; Nova Cultural, 2. ed., 1985. Citado nas páginas: [5](#), [6](#)

NAÇÕES UNIDAS. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). **Statistical guidelines for measuring productive capacities**. Geneva: UNCTAD, 2025. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/aldc2025d4_en.pdf. Acesso em: 8 set. 2025. Citado nas páginas: [10](#)

PASINETTI, L. **Rate of Profit and Income Distribution in Relation to the Rate of Economic Growth**. The Review of Economic Studies, v. 29, n. 4, pp. 267-279. 1962. Citado nas páginas: [4](#)

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. Citado nas páginas: [3](#)

POSSAS, Mario Luiz. **A Dinâmica da Economia Capitalista: uma abordagem teórica**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Citado nas páginas: [4](#), [5](#)

POSSAS, Mario Luiz; BALTAR, Paulo E. A. . **Demanda efetiva e dinâmica em Kalecki**. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 107-160, abr. 1981. Citado nas páginas: [4](#), [5](#)

SANCHES, M.; CABELLO, A. **O papel da distribuição de renda no crescimento econômico**. O Eco da Graduação, v. 7, n. 1, p. 5–31, 2022. Citado nas páginas: [3](#), [5](#)

SANTOS, Helis Cristina Zanuto Andrade; CASTILHO, Marta dos Reis; FREITAS, Fabilio Neves Peracio. **Uma análise da estrutura de produção em um contexto de fragmentação internacional da produção: aspectos teóricos e implicações**. In: ARAÚJO, Eliane; FEIJÓ, Carmem (org.). *Industrialização e desindustrialização no Brasil: teorias, evidências e implicações de política*. Curitiba: Editora Appris, 2023. Citado nas páginas: [6](#), [6.1](#)

SCHMIDT-HEBBEL, Klaus; SERVÉN, Luis. **Does income inequality raise aggregate saving?** Journal of Development Economics, [S.l.], v. 61, n. 2, p. 417-446, 2000. Citado nas páginas: [6](#)

SCHWARTZ, H. M. Global secular stagnation and the rise of intellectual property monopoly. Review of International Political Economy, 29(5), 1448–1476, 2022. <https://doi.org/10.1080/09692290.2021.1918745>. Citado nas páginas: [4](#), [7](#)

STOCKHAMMER, E. Robinsonian and Kaleckian Growth. An Update on Post-Keynesian Growth Theories. Vienna: WU Vienna University of Economics and Business, 1999. Citado nas páginas: [4](#)